

Luz, Forma e Cor

Artistas: Adelaide de Freitas, Ana Gonçalves, Carlos Barahona Possollo, Carol Welsch, Cristina Albaker, Daniel Schär, Isabel Soares dos Reis, Jessica Dunn, Marc Sarkis Gulbenkian, Maria João Vale, Maria Reis, Marjorie Salvagni, Martin Stranka, Mónica de Moraes, Rita Andrade, RVieira, Teymur Rustamov

Curadoria: Francisco Lacerda

Textos: Álvaro Madureira Pinto, Francisco Lacerda, Maria José Lourenço, Rui Jorge Agostinho

Contexto da Exposição - Sobre a Luz, Forma e Cor

Esta exposição propõe um diálogo entre a arte contemporânea — e ultratemporânea — e o acervo de joias e gemas do Museu do Tesouro Real, cruzando a liberdade da criação artística com o rigor técnico da gemologia. O objetivo é promover uma reflexão sobre a forma como a criação artística molda e transfigura a nossa percepção visual, convidando o público a contemplar as obras de arte e a imaginar nelas a cor das gemas e joias do acervo.

Mas por que o tema Luz, Forma e Cor? A nossa apreciação das joias, das gemas e das obras de arte só é possível através da luz. Sem ela, a visão não existiria. A luz, ao ser captada pelo olho humano, provoca fenômenos visuais que, muitas vezes, nos passam despercebidos. Tomemos como exemplo o metamerismo: um fenómeno visual que ocorre quando dois objetos distintos — uma obra de arte e uma joia — parecem partilhar a mesma cor sob uma determinada iluminação, revelando tons completamente diferentes assim que a fonte de Luz se altera. Fica claro, portanto, que a luz é o fator decisivo tanto na criação artística e na joalheria como no comportamento ótico das gemas.

Uma reflexão fundamental sobre a luz encontra-se em Plínio, o Velho, que no Livro XXXVII da sua *Naturalis Historia* — o primeiro grande tratado de gemologia — já sublinhava a importância vital da luz no estudo dos minerais. Ao evocar o mito de Dibútares, Plínio sugere que o desenho e a escultura nasceram no momento em que, através de linhas de carvão, se circunscreveu a sombra de um homem projetada contra uma parede. Sem a Luz, nunca existiria Sombra, nem Forma, nem Cor. O desenho nasce, a partir daí e abre caminho para a escultura tridimensional. Esta visão é complementada por Victor Stoichita (na sua obra *A Breve História da Sombra*), para quem o contorno da sombra serve para fixar a imagem de uma "presença ausente", transformando a arte num processo conceptual, e não meramente numa representação do real.

Ernst Gombrich corrobora esta leitura ao notar que, ao contrário dos gregos, os egípcios não desenhavam a "realidade visual", mas sim o "saber". Pode-se concluir, através de Plínio, que a luz foi decisiva para o desenvolvimento da arte grega, que revolucionou a estética ao introduzir novos conceitos de Forma, como a simetria, proporção e filosofia do corpo humano. A beleza passou a ser uma busca matemática e filosófica — a harmonia entre o físico e o espiritual. É inegável que a arte que conhecemos começou há mais de 30.000 anos, com as pinturas rupestres, evoluindo através das civilizações mesopotâmica e egípcia. Contudo, foi na Grécia que a arte ganhou uma nova dimensão perceptiva.

Giotto di Bondone revolucionou a forma ao conferir volume e naturalismo através do uso da luz e da sombra, fechando o Gótico e abrindo as portas ao Renascimento. Leonardo da Vinci inovou com o *sfumato*, eliminando linhas rígidas, enquanto Caravaggio, no Barroco, levou o claro-escuro ao extremo com o tenebrismo. Rembrandt, por sua vez, aliou este domínio da luz a uma profunda carga psicológica. No final do século XIX, Manet marcou a passagem para o Impressionismo ao alterar radicalmente a forma como a luz e a cor representam a vida, fazendo do cérebro do observador um elemento ativo na descodificação da imagem. Por fim, Paul Klee inverteu este processo, privilegiando a abstração onde a definição do significado emerge apenas com a obra concluída.

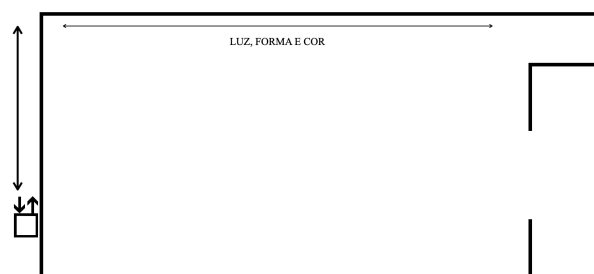
Contudo, ao abordarmos a Forma, impõe-se uma questão: será a Forma o resultado direto da luz ou existe de maneira autónoma? No pensamento de

Rudolf Arnheim e de Lancelot Law Whyte encontramos perspetivas fundamentais: para Arnheim, a forma é indissociável da percepção humana, dependendo inteiramente do olhar; para Whyte, a forma transcende o sujeito, residindo na estrutura e geometria intrínseca da natureza.

E assim, por fim, entramos no domínio da cor: a própria manifestação da Luz (o espectro). A Luz e a Cor atravessam diversas disciplinas, integrando abordagens científicas, psicológicas e espirituais. Destacam-se figuras como Newton, que em 1666 apresentou o primeiro círculo cromático científico; Young e Helmholtz, com a sua teoria tricromática; Goethe, que, na sua *Teoria das Cores*, abordou a fenomenologia da percepção; Kandinsky, que em *Do Espiritual na Arte* (1911) explorou a subjetividade e o transcendente na arte através da cor; e, por fim, Michel Pastoureau, cujas obras desvendam a complexa história heráldica e cultural dos pigmentos.

Podemos concluir, pois, que a Cor é essencial para a nossa percepção visual e psicológica. Apreciamos as obras de arte, gemas e as joias através do que sentimos, estabelecendo associações constantes; um objeto inspira o outro, e é na nossa mente que a Forma, a Cor e a Luz se cruzam, revelando que, mesmo em elementos aparentemente opostos, existe uma unidade profunda na forma como vemos e apreciamos o mundo.

Planta da Sala



Biografias

Adelaide de Freitas, uma prestigiada artista contemporânea, nasceu na Ilha da Madeira e reside atualmente em Lisboa, cidade para onde se mudou há alguns anos. É uma criadora multifacetada, reconhecida não só como pintora, mas também como fotógrafa artística e poeta. A sua obra encontra-se representada em inúmeras coleções, destacando-se, em particular, a Fundação Berardo. Desde 1995 que apresenta o seu trabalho tanto em Portugal como a nível internacional. <https://www.instagram.com/adelaidefreitas.20/>

Ana Gonçalves é uma artista contemporânea portuguesa com um percurso internacional firmado, tendo já exposto as suas obras em países como Portugal, Qatar, Espanha e Itália. A sua assinatura artística destaca-se pela criação de obras que canalizam e transmitem as energias positivas do espaço e da terra, convidando o público a uma experiência visual harmoniosa e vibrante.

Barahona Possollo (Lisboa, 1967) é um dos mais conceituados e singulares pintores contemporâneos portugueses, amplamente reconhecido pela sua mestria técnica invulgar. Licenciado em Pintura pela Faculdade de Belas-Artes de Lisboa, o seu estilo funde o rigor do desenho clássico e o dramatismo do chiaroscuro barroco com uma sensibilidade marcadamente moderna, assente no realismo mágico, no surrealismo e no erotismo. A sua obra explora frequentemente a anatomia humana, a mitologia e a reinterpretação de iconografias religiosas com uma subtil carga provocatória e irónica. Entre os seus maiores marcos públicos destaca-se a autoria do retrato oficial do ex-Presidente da República Portuguesa, Aníbal Cavaco Silva (2016), exposto no Palácio de Belém, bem como várias colaborações artísticas de relevo para os CTT. As suas obras encontram-se em coleções privadas em Portugal, Espanha, França, Suíça, Itália — destacando-se, entre as várias existentes neste país, a do Príncipe Jonathan Doria-Pamphilj —, Países Baixos, Reino Unido, EUA e Argentina. Está também representado em coleções públicas, tais como o Vaticano (IOR), a Casa Branca, o Banco de Portugal, o Museu Português das Comunicações, o Museu de Setúbal e a UCCLA (União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa). <https://www.instagram.com/barahonapossollo/>

Carol Welsch nasceu e vive em Barcelona. Formada em design gráfico pela escola Elisava de Barcelona, centrou a sua carreira profissional no design gráfico, especializando-se em branding, comunicação corporativa e paginação editorial. Após vinte anos a dirigir o seu próprio estúdio de design, licenciou-se em História da Arte pela Universidade de Barcelona, com o único propósito de compreender a razão da sua fascinação pela arte. Sempre ligada à criatividade artística, os seus jogos de infância giravam em torno de cores e formas, sendo os pincéis e as folhas de linóleo os seus favoritos. Esta necessidade de explorar diferentes técnicas artísticas proporcionou-lhe uma grande variedade de caminhos criativos, levando-a, em última análise, a focar-se na gravura. A sua vasta gama de disciplinas permite-lhe trabalhar a sua própria imagética gráfica a partir de diferentes pontos de partida — mas desta vez, sem a necessidade de cumprir um objetivo específico e puramente pelo prazer criativo. <https://www.instagram.com/carolw.art/>

Cristina Albaker nasceu em Lisboa, Portugal. É reconhecida pelas suas pinturas abstratas de paisagens, que carregam uma impressão onírica subjacente à forma como a artista percebe a majestade da natureza que envolve a sua realidade. Estas paisagens servem como um modelo para refletir sobre os nossos ecossistemas e sobre a beleza natural, funcionando simultaneamente como um veículo para amplificar a preocupação com a proteção do meio ambiente. Em 2003, licenciou-se pelo IADE - Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação (Universidade Europeia), em Lisboa. <https://www.instagram.com/photograarte/>

Daniel Schär, artista visual e pintor abstrato suíço nascido em 1956, é internacionalmente reconhecido pela harmonia cromática e pela força dinâmica das suas composições, que irradiam vitalidade, energia e alegria de viver ao explorar os campos de tensão entre a existência e o desaparecimento. A grande imagem de marca do seu percurso é a fusão profunda e indissociável entre a pintura e a música, uma paixão de infância que o levou a encarar a tela não como um objeto estático, mas sim como uma extensão do som e do ritmo; através de uma técnica própria batizada de "Color Kitchen" (Cozinha das Cores), Schär mistura pigmentos vindos de várias partes do mundo no seu estúdio em Bellmund, permitindo que a atmosfera sonora guie intuitivamente os movimentos do seu pincel. Este método deu origem a projetos monumentais, como a criação de uma obra abstrata para cada uma das 200 cantatas sacras de Johann Sebastian Bach — uma meta desenvolvida entre 1991 e 2001 —, além de centenas de telas inspiradas na música clássica de Chopin e Arvo Pärt, no Jazz de Chico Freeman e no Rock clássico dos anos 70, prestando homenagem direta a temas icónicos de bandas como Fleetwood Mac e Pink Floyd. Com uma carreira internacional sólida e representado por plataformas de prestígio como a USIA (United State of International Artists), o pintor já expôs as suas obras em importantes feiras e galerias globais, abrangendo a Europa (como na Suíça, Áustria, Bélgica, na Embaixada da Alemanha em Londres e em eventos paralelos na Bienal de Veneza), os Estados Unidos (na Rimonim Art Gallery em Miami) e a Ásia (com destaque para as feiras de arte de Xangai, Pequim e Seul), consolidando uma linguagem onde as cores — especialmente o vermelho, que o artista associa ao dinamismo, ao sangue, ao fogo e à purificação — atuam como espaços internos psicológicos que rompem as fronteiras da percepção visual tradicional. <https://www.instagram.com/schaer.daniel/>

Isabel Soares dos Reis é uma artista visual cujo trabalho se expressa através de uma fotografia contemplativa, delicada e rigorosa. Licenciada e pós-graduada em Psicologia pela Universidade Clássica de Lisboa, funde a técnica fotográfica com uma sensibilidade psicológica própria, dedicando-se à imagem como uma forma profunda de expressão artística. A sua formação estruturou-se na Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA), onde concluiu o curso de Fotografia e desenvolveu um projeto artístico continuado, complementando o seu percurso com estudos em História da Arte e processos fotográficos alternativos. O seu olhar debruça-se sobre a quietude, o minimalismo e a valorização do jogo entre a luz e a sombra. Ao abordar paisagens, elementos naturais e naturezas-mortas, a artista transforma o silêncio, a simplicidade e a busca pela paz em reflexões visuais sobre a contemporaneidade. Com um percurso expositivo consistente iniciado em 2019, o seu trabalho tem habitado espaços de relevo em Portugal, integrando mostras em locais como o Palácio de Galveias (2025), a Casa Museu dos Patudos e o Complexo Cultural da Levada (Tomar), além de exposições regulares na Galeria Arte Graça (entre 2023 e 2026) e na própria SNBA. Internacionalmente, Isabel Soares dos Reis tem vindo a consolidar o seu reconhecimento através de distinções de prestígio, com destaque para a medalha de prata no concurso global *Exposure One Awards* ("Photographer of the Year", 2025), a seleção do projeto "Delirium" para o *IMAGOLISBOA Portfolio Review* e distinções por entidades como a *Instanta* e a *Photographizemag*. O seu trabalho conta ainda com uma forte presença editorial, tendo sido publicado e exposto virtualmente pela prestigiada *Artdoc Photography Magazine*. Em 2022, a sua visão artística foi destacada a nível nacional no programa FOTOBOX (RTP3), reafirmando o seu lugar como uma

voz singular e poética na fotografia portuguesa atual. https://www.instagram.com/isabelsoaresdosreis_fotografia/

Jessica Dunn é uma artista britânica radicada em Portugal. Nascida em Londres numa família com raízes no teatro e na televisão, é filha da atriz Priscilla Morgan e do ator de comédia Clive Dunn. Embora a carreira dos seus pais tenha sido no mundo do espetáculo, Jessica seguiu o seu próprio caminho criativo nas artes visuais. Completou a sua formação base (Art Foundation) na Universidade de Kingston, em Londres, antes de se mudar para o Algarve com a sua família. Foi aí que estabeleceu o seu estúdio nas colinas de Boliqueime, onde pinta a tempo inteiro, trabalhando predominantemente a óleo. O seu trabalho é profundamente inspirado pela beleza natural do que a rodeia — a paisagem algarvia e a sua luminosa luz do sul. Cada pintura reflete, simultaneamente, uma ligação profunda ao lugar e um processo criativo intuitivo e pessoal. Jessica expõe regularmente no Reino Unido e em Portugal. As suas obras integram as coleções do museu da Guarda. <https://www.instagram.com/jessicadunnartist/>

Marc Sarkis Gulbenkian Marc Sarkis Gulbenkian carrega um apelido indissociável da história da arte e da filantropia em Portugal. Sobrinho-neto do magnata e colecionador de arte Calouste Gulbenkian, Marc cresceu num ambiente profundamente estimulante do ponto de vista cultural e estético, marcado pelas memórias da Diáspora Arménia. No entanto, o seu percurso foi desenhado de forma independente, construindo uma identidade artística contemporânea muito própria. Desde há mais de uma década que o artista apresenta com regularidade o seu trabalho em solo português, participando em exposições individuais e coletivas em galerias de arte contemporânea, centros culturais e feiras de arte um pouco por todo o país. Além disso, mantém uma participação ativa na preservação da memória da comunidade arménia. <https://www.instagram.com/marc.s.gulbenkian/>

O trabalho de **Maria João Vale** tem colhido um amplo reconhecimento. Desde 2015 que apresenta o seu trabalho em inúmeras exposições individuais e coletivas em Lisboa, incluindo espaços de prestígio como o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, a Sociedade Nacional de Belas Artes, Biblioteca Palácio Galveias e a Xuventude de Galicia. Através destas exposições, a artista tem cativado o público com as suas imagens evocativas, oferecendo uma perspetiva única sobre o mundo através da lente da sua câmara. Para a fotógrafa, esta disciplina é mais do que uma mera competência técnica — é um meio através do qual pode explorar, experimentar e criar no domínio da sua investigação pessoal. A sua filosofia artística está enraizada numa profunda apreciação pelas diversas possibilidades que a fotografia oferece, permitindo-lhe desafiar as fronteiras da prática fotográfica tradicional e expandir os limites da sua expressão criativa. <https://www.instagram.com/mariajoaovale/>

Maria Reis é uma artista plástica e médica portuguesa cuja vida e percurso são definidos por uma dupla vocação, equilibrando a precisão da ciência com a liberdade emocional das belas-artes. Nascida em Lisboa, seguiu a carreira de Medicina enquanto cultivava um profundo gosto pela poesia e pela pintura. De forma a aprofundar e aperfeiçoar a sua vertente artística, concluiu a sua formação em Pintura na prestigiada Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA), em Lisboa. A sua produção artística funciona como uma extensão do seu mundo interior, caracterizada por um gesto livre, cores vibrantes e uma forte musicalidade poética. Nas suas obras figurativas, debruça-se frequentemente sobre a figura feminina, recorrendo a uma paleta cromática intensa para evidenciar a força, o encanto e as emoções da mulher. Já nas suas composições abstratas, explora o movimento e os tons vermelhos, criando uma simbiose entre a emoção, a energia e a maternidade. Para a artista, a criação é um processo vivo, alinhado com a sua filosofia de que a arte é "mais que uma paixão, uma forma de viver". Iniciou o seu percurso de exposições públicas em 2007. Desde então, o seu trabalho ganhou projeção internacional, estando representada em galerias e feiras de arte na Europa, Ásia e Américas — com passagens por cidades como Madrid, Bruxelas, Seul, Nova Iorque, Miami, Dublin e Edimburgo. <https://www.instagram.com/maria.oliveira.reis/>

A prática artística de **Marjorie Salvagni** nasce de uma ligação profunda com a natureza e com os processos de transformação interior e espiritual do ser humano. Com um percurso multidisciplinar na infância através da dança, do piano e do teatro, a artista encontrou nas flores uma linguagem metafórica central. A beleza, a leveza e a fragilidade floral servem nas suas obras como representações visuais dos estados da alma, dos renascimentos emocionais e do encontro entre a vulnerabilidade e a força interior. As suas obras integram importantes coleções e acervos institucionais e privados, incluindo a General Label (Brasil), Fundisol (Brasil) e a coleção particular de Michael Joop (Nova Iorque). https://www.instagram.com/marjoriesalvagni_art/

Martin Stranka é um fotógrafo profissional autodidata sediado em Praga e natural da Chéquia, onde nasceu em 1984. Martin era um estudante que

frequentava com esforço o curso de gestão quando a perda inesperada de um ente querido o levou a dedicar-se à fotografia como forma de terapia. Esse passatempo transformou-se numa paixão e, eventualmente, numa profissão. A sua visão distinta deste meio ocupa um espaço único de equilíbrio e serenidade, com imagens ricas e complexas que parecem captar os momentos fugazes entre o sonho e o acordar. As peças de Martin assemblam-se a fotogramas de um filme que caminha na linha tênue entre a fantasia e a realidade. O artista explora a nossa fascinação com a narrativa incompleta. Nas suas palavras: "Nestas histórias visuais deliberadamente inacabadas, procuro a fronteira entre o apelo estético e uma cena dramática."

Nos últimos anos, Martin arrecadou mais de 80 grandes prémios internacionais de fotografia em vários concursos, incluindo os International Photography Awards™ realizados em Nova Iorque, no Carnegie Hall, onde foi nomeado Fotógrafo Especial do Ano em 2022. Em 2024, o seu livro *Beautiful Accidents* conquistou o 2.º lugar no mesmo concurso, na categoria de Livro de Belas Artes (Fine Art Book), entre todas as obras submetidas a nível mundial. Recebeu também distinções dos Sony World Photography Awards (1.º lugar na categoria Open Creative e Prémio Nacional em 2018 e 2019), dos Annual Photography Awards (Fotógrafo do Ano, 2021) e do Prix de la Photographie Paris (Medalha de Ouro). O trabalho de Martin tem sido exibido e leilado pela conceituada casa de leilões Christie's em Londres e Amesterdão, e as suas exposições individuais e coletivas já passaram pelas Américas do Norte e do Sul, por toda a Europa e até à Ásia. As suas fotografias foram expostas em cidades de todo o mundo, tais como Nova Iorque, Basileia, Tóquio, Londres, Miami, Paris, Praga, Hong Kong e Kiev. Entre as galerias onde o trabalho de Martin já foi apresentado contam-se a Christie's London (Reino Unido), o Danubiana Meulensteen Art Museum (Eslováquia), o Mánes Exhibition Hall (Chéquia), a Saatchi Gallery (EUA) e a SNAP! Orlando (EUA), entre muitas outras. A fotografia onírica e transportadora de Martin tem sido encomendada por instituições culturais como o Teatro Nacional de Praga e o Ballet Nacional Checo. As suas imagens foram também utilizadas por editoras de Nova Iorque para capas de romances de mistério e suspense — géneros para os quais Martin acredita que o seu trabalho é perfeito. Criou capas de livros para as maiores editoras nova-iorquinas, como a HarperCollins Publishers, Sterling Publishing e Penguin Random House, e colaborou com outras editoras de livros, editoras discográficas e artistas um pouco por todo o mundo. <https://www.instagram.com/martinstranka>

Mónica de Moraes vive e trabalha em Cascais, Portugal. Autora de uma obra multifacetada que se centra na pintura, no desenho e na gravura, os seus trabalhos mais recentes abordam temáticas de reflexão humanitária e espiritual. Iniciou a sua formação na Sociedade Nacional de Belas Artes (1992-1997) e estudou gravura no Atelier Paiva Raposo. Desde então, tem integrado regularmente exposições individuais e coletivas em Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Itália e China. No seu percurso internacional, destaca-se a sua participação com obras de gravura em bienais internacionais em Kanagawa (Japão), Taipé e Formosa. O seu talento e mérito artístico estão patentes em prestigiadas coleções e instituições mundiais, encontrando-se representada no Florean Museum of Contemporary Art (Baia Mare, Roménia), no Luo Qi Modern Art Museum (Hangzhou e Qingtian, China), na Eileen S. Kaminsky Family Foundation (Nova Iorque, EUA) e na House of Arts / Hangar-7 (Salisburgo, Áustria), além de figurar em diversas coleções particulares. https://www.instagram.com/monica_de_morais_artist/

Rita Andrade é uma artista plástica e investigadora portuguesa cuja prática se caracteriza pelo diálogo entre o rigor técnico das artes visuais e o compromisso com causas político-sociais globais. Iniciou o seu percurso académico na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, onde se licenciou em Pintura em 2020, tendo complementado os seus estudos técnicos com um curso intensivo de Fundamentos do Desenho na Barcelona Academy of Art, em Espanha. Movida pelo interesse no impacto social da arte, mudou-se para o Reino Unido para frequentar o Mestrado em Arte e Política na Goldsmiths, University of London. A sua dissertação final prática, focada em como a arte e a educação podem transformar a vida das crianças nas Honduras, foi o resultado de um minucioso trabalho de campo no terreno e acabou distinguida com a nota máxima da instituição. Apesar de se encontrar numa fase jovem da sua carreira, a artista conquistou já uma forte projeção pública e o reconhecimento de altas instâncias internacionais. Em 2017, pintou o retrato do fiscalista Henrique Medina Carreira — encomendado pelo Fórum da Competitividade e entregue oficialmente pelo Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, na Fundação Calouste Gulbenkian — e, no ano seguinte, assinou os retratos oficiais do Emir do Qatar, o Xeqe Tamim bin Hamad Al-Thani, e do seu pai. Paralelamente à criação em atelier, o seu pensamento crítico levou-a a ser oradora convidada na Universidade de Okayama, no Japão, num painel dedicado às lideranças da próxima geração mundial e à resolução de problemas globais. O impacto do seu percurso e a sua crescente relevância no panorama cultural foram publicamente consagrados com a atribuição do prémio de Melhor Artista do Ano nos New in Town (NiT) Awards. https://www.instagram.com/ritandrade_art/

RVieira, nascida em 1951 em Alcobaca, Portugal, vive e desenvolve o seu trabalho artístico em Coimbra. Conciliando ao longo da vida a sua atividade no setor da enfermagem com a dedicação às artes plásticas, realizou a sua formação em cerâmica e pintura na Escola Universitária das Artes de Coimbra (EUAC). A sua prática artística estende-se por diversas disciplinas, abrangendo a escultura, as instalações, a cerâmica, a pintura, o mobiliário artístico e a conservação. Ao longo do seu percurso, enriqueceu a sua linguagem visual ao estudar e colaborar com artistas de relevo como Isabel Azevedo, António Melo, Vítor Matias e João Dixo, sendo atualmente membro da SNBA – Sociedade Nacional de Belas Artes.

Teymur Rustamov, nascido em 1960 em Baku, no Azerbaijão, é um prestigiado artista contemporâneo cuja prática se desenvolve predominantemente nos campos da escultura, da videoarte e das artes gráficas. Graduou-se pelo Azim Azimzadeh College of Art e pela Faculdade de Escultura da Academia de Arte de Tbilisi, tendo consolidado um percurso que o tornou uma figura de destaque no panorama artístico do seu país. A sua relevância internacional foi chancelada pela participação na 53.ª Bienal de Veneza, em 2009, e na 5.ª Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Baku. A proposta estética de Rustamov assenta na reconfiguração da realidade através do uso de múltiplos suportes e meios alternativos, que incluem a escultura, a videoarte, as paisagens sonoras, a animação audiovisual e a abstração. Inspirado por uma fusão singular que cruza a arte antiga e contemporânea, a Art Déco, a ficção científica e a música, o artista cria obras que desafiam a perceção convencional, oferecendo ao espetador uma perspetiva alternativa e profundamente original sobre o mundo real. Atualmente, o seu trabalho encontra-se representado em coleções públicas e museus estatais em Baku, bem como no Centro Cultural do Azerbaijão, em Paris. <https://www.instagram.com/teymurrustamovsculptor/>

Comentário à Exposição "A Luz e a Forma na Cor" por: Álvaro Madureira Pinto, Maria José Lourenço, Rui Jorge Agostinho

A criação artística é uma faceta da realização humana. Por um lado, a interiorização do belo evolui com os tempos que a Humanidade foi atravessando, mas, por outro, os materiais e as formas possíveis de usá-los provêm das tecnologias acessíveis à Arte. Isto fá-la ganhar novas expressões e combinações que em passados remotos nem poderiam ser sonhados.

É precisamente aqui que a Ciência encontra a Arte: na matéria que se transforma, nas ligações que se estabelecem, nos átomos que se combinam e nas propriedades que emergem dessa organização. Antes de ser cor, ela é matéria; antes de ser brilho, há uma interação entre matéria e luz; antes de ser forma, existe uma arquitetura molecular e atómica que a torna possível. Na evolução temporal do Cosmos, uma pequena fração da energia primordial materializou-se em átomos leves que depois deram estrelas e galáxias mil espalhadas por todo o universo. No condensado das estrelas explosivas formou-se o ouro e a prata, o ferro e o níquel, o cobre e a platina, além duma miríade de todos os outros elementos que se cristalizaram em formas múltiplas nos planetas arrefecidos. A ciência da matéria começa, assim, muito antes de existir a própria Terra. Antes de existir a arte humana já o Universo desenhava. Os elementos que hoje reconhecemos numa pedra, numa joia, num pigmento ou numa obra de arte são testemunhos de uma história cósmica. As estrelas forjam a matéria-prima de tudo o que existe.

Mas são os planetas, como a Terra, que combinam esses elementos e geram uma extraordinária diversidade de cores, brilhos, durezas, transparências, texturas, geometrias e padrões, fazendo nascer os minerais que dão forma às rochas. A diversidade da matéria é, em grande medida, a poesia das ligações químicas, onde cada cristal é uma pequena obra inscrita pelas leis da Natureza.

Mas um cristal não é apenas uma forma geométrica exterior. É uma organização rigorosa de átomos, uma arquitetura invisível que determina muitas das suas propriedades visíveis. As formas são a expressão externa da organização interna da matéria. A cor de uma pedra preciosa, o seu brilho, a sua transparência ou mesmo a maneira como a luz nela se propaga dependem da sua estrutura atómica e eletrónica. Na matéria, como na Arte, a beleza exterior nasce muitas vezes de uma ordem que os nossos olhos não conseguem ver. Uns cristais mais nobres do que os outros, acabaram por ser usados nas artes finas e sensíveis, dando prestígio ao portador ou enaltecendo a elegância cobijada da forma feminina. De coroas incrustadas com pedras preciosas, a braceletes ornadas a diamantes de carbono puro, a joalharia modela e transporta o objeto natural à beleza humana pretendida.

"A Luz e a Forma na Cor" apresenta-se como uma experiência sensorial e estética de grande pertinência, ao estabelecer um diálogo entre a arte contemporânea e a tradição da joalharia real portuguesa.

Nas obras apresentadas as formas abstratas em ouro e azuis, algumas delineadas com traços de chumbo maleável, outras mescladas de verdes e amarelos quase incandescentes, são reminiscências dum universo disforme, em evolução, tal como as cores fortes de carmim puxam pela nobreza do rubi ou da estrela rutilante no céu poente.

Na linguagem da ciência, nenhuma destas cores é verdadeiramente silenciosa ou perfeita. Cada pigmento, cada metal e cada material interage com a luz de uma forma particular, absorvendo determinadas radiações e devolvendo outras ao nosso olhar. O que chamamos cor é, portanto, também uma assinatura da matéria.

Nas obras expostas, as estruturas transientes em escarlate, salpicadas de formas flutuantes em contraluz, divagam pelas atmosferas de planetas lá longe imaginados. As tonalidades do felino escamoteado na floresta rica de vida, mergulhada em pinceladas de aquarelas evanescentes, constituem uma experiência sensorial que estimula o olhar e contrasta com os pretos e cinzentos que delineiam os olhos penetrantes que nos perseguem, ou a folhagem do voo em branco e ainda o 9 geométrico que preenche o espaço.

Os tons de safira ou lápis-lazúli que formam a base dum universo dimensional, na forma líquida ou suavemente esbatida, servem de contraponto a figuras humanas singelas, talvez Nobres ou mesmo Reais, culminando na fina transparência duma gota de água cristalizada profusamente iluminada.

Mas em qualquer momento dos Tempos passados, presente e futuros, a sublimação da arte plasmam-se-á sempre na assimilação da Forma e da Cor, que são transmitidas nos cambiantes da Luz que emana dos objetos estáticos. Faces, gumes, texturas e tecidos entrelaçados, folhas caídas, reflexos aguados, tudo isso chega na Luz até ao cérebro enfeitado.

A ciência acrescenta um segredo a esta viagem: a luz que chega à retina transporta consigo informação sobre a matéria. Cada reflexo, cada absorção, cada transparência resulta de uma interação entre fótons e matéria. O olhar humano transforma essa informação física numa experiência estética. Entre o objeto e a emoção existe, portanto, uma extraordinária cadeia de fenómenos químicos e físicos.

Porém, vivemos inundados pela luz duma estrela com um máximo na cor verde e um gradiente negativo para os violetas e outro mais suave para os vermelhos. Temos uma retina a esta luz adaptada, que estimula no cérebro - o órgão que deveras vê - as cambiantes cromáticas que se apreciam e se exploram na Arte. Ao trocar a cor do Sol por outra qualquer, o cérebro presente sentir-se-ia excluído de tal realidade, mesmo indisposto sentindo-se mal, incomodado. Que estranho universo seria esse presente, mas que é explorado na nossa Arte.

A riqueza da Forma que é permitida nos elementos artísticos é um Reino inteiro quando comparado à singularidade da forma esférica que premeia todas as estrelas e planetas por aí espalhados, ou então à irregularidade das nebulosas e galáxias, algumas mais organizadas.

A ciência partilha com a Arte essa liberdade de combinar. Dos mesmos elementos podem nascer materiais completamente distintos, dependendo da forma como os átomos se ligam e se organizam. O carbono pode dar origem à transparência cristalina do diamante ou à estrutura opaca da grafite; os mesmos elementos, organizados de maneira diferente, podem contar histórias radicalmente distintas. Talvez seja esta uma das mais belas lições da matéria: não são apenas os seus constituintes que importam, mas a forma como se encontram. Tal como na Arte.

O uniforme é quase sempre pobre de histórias. O equilíbrio absoluto é imóvel, previsível, quase silencioso. A vida, a arte e a própria matéria também encontram beleza na anisotropia, no desequilíbrio ou na variação das simetrias, na vibração que rompe com o esperado. É neste desequilíbrio que a matéria ganha forma, cor, movimento e beleza, explorando novos mundos no espaço do belo.

A Arte explora na imaginação humana a Forma e a textura, os contrapontos luminosos ou os lados mais escuros, em tonalidades diferentes, bem ou mal iluminados, neste nosso micro-cosmos em torno do Sol formado. A Forma e a Cor revelam-se sempre na Luz, mas a textura também é sensorial, tátil. A estética sublima-se na Arte com a amálgama de propriedades que explora para atingir o Belo, e acaba por imbuir valor aos materiais por si utilizados.

A Arte permite-nos contemplar aquilo que vemos e sentimos. A criação artística vive do que a mente vê e antecipa o que será plasmado na obra por realizar. Isto é também, de alguma forma, a Ciência, porque ela procura a matéria por detrás da aparência, a estrutura por detrás da forma, a transformação por detrás da cor. A Ciência convida-nos a imaginar aquilo que nem vemos, mas, sabemos que existe, guia-nos a extrapolar ao desconhecido e a induzir até ao infinito. A Ciência é uma criação sublime com uma estética diferente.

Créditos

Organização, Produção: United State Of International Artists

Comunicação: United State Of International Artists e Parceiros

Apoio técnico: United State Of International Artists

Textos: Álvaro Madureira Pinto, Francisco Lacerda, Maria José Lourenço, Rui Jorge Agostinho, United State Of International Artists

Curador: Francisco Lacerda

Design gráfico: United State Of International Artists

Agradecimentos: Dr. Nuno Vale (Museu do Tesouro Real); S. Ex.ª o Embaixador Jaroslav Zajíček e Anna Syková (Embaixada da República Checa em Portugal); S. Ex.ª o Embaixador Lukas Gasser e Marie-Hélène Krafft Ferreira (Embaixada da Suíça em Portugal); Miguel Clarinha (Pastéis de Belém); e Sebastian (Companhia Portuguesa do Chá).

© de imagens, textos e traduções

usia.co.uk/mtr